

## **SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA E A SUA FUNÇÃO REPRESENTATIVA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO JORNAL *A EVOLUÇÃO***

Janaina Schaun Sbabo\*

### **Resumo:**

As discussões a respeito do Mundo do Trabalho e suas peculiaridades têm substanciado, ultimamente, a produção científica em torno dos fatores que caracterizam a relação entre classes, questões muito abordadas por estudos advindos de áreas como as Ciências Humanas. Em consonância com esta perspectiva, este estudo representa um olhar sobre a formação de uma das instituições representativas de maior alcance social do Estado, estabelecendo assim, uma atenção específica à sua história, se trata da Sociedade União Operária do Rio Grande (SUO), entidade que tem por marco de fundação o ano de 1893, prevalecendo com as suas atividades políticas, culturais e instrutivas até o ano de 1964. Dessa forma, procura-se suscitar uma discussão em torno da seguinte problemática: Qual o papel desempenhado pelo periódico *A Evolução* (1934 - 1937) no que tange à construção da identidade dos operários rio-grandinos na virada do século XIX e início da Era Vargas, salientando que esta era uma folha editada pela instituição abordada neste estudo. Para tanto, o trabalho apresenta discussões em torno das relações estabelecidas com a editoração deste periódico, que tem por funcionalidade representar o interesse dos trabalhadores do município no período em que esteve em circulação.

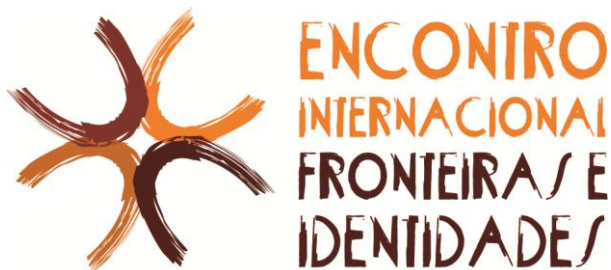
### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A Revolução de 1930 alterou os rumos da República Velha no Brasil ao estabelecer uma ruptura na estrutura republicana vigente até então, ocasionando uma série de mudanças traduzidas, principalmente, por uma centralização administrativa do país e a consequente perda de poder por parte das elites regionais, notadamente, São Paulo e Minas Gerais.

Além disso, a década de trinta do século XX apresenta várias alterações no Brasil, tendo em vista que o país passa de uma posição agroexportadora para uma condição de base urbana industrial. É claro, não existe, neste momento, a consolidação capitalista no Brasil, entretanto, “os pressupostos, as bases, os fundamentos necessários para o desenvolvimento dessa nova ordem econômico-social foram lançados durante o primeiro governo Vargas” (DINIZ, 1999, p. 24).

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas. Contato: janainasbabo@yahoo.com.br



Por outro lado, destacamos que a sociedade brasileira, desde os anos vinte, vivenciou inúmeras transformações, haja vista que a urbanização e a industrialização tomaram corpo e a classe operária, por sua vez, passou a lutar por melhores condições de vida<sup>1</sup>.

É dentro desse cenário de extrema ebulição política que Getúlio Vargas, um gaúcho formado por meio do contato que tivera com o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), ascendia ao cargo de Presidente da República do Brasil. Em consonância com a posse Vargas, tinha-se a formação de um episódio intitulado como “Revolução de 30”, responsável por encerrar o revezamento na ocupação de cargos públicos, sucessões realizadas pelas elites de Minas Gerais e São Paulo.

Já no início de seu mandato, que deveria ser em caráter provisório, Vargas estipulou algumas medidas, centralizando em suas mãos a organização política do país; entre elas, podemos citar a substituição dos então governadores estaduais por mediadores federais, ou seja, impondo restrições às decisões tomadas pelos gestores públicos.

Em consonância com estas atitudes, o então presidente estabelece condições que sinalizam intervenções na luta de classe, a partir da instituição da política trabalhista que preconizava algumas medidas, como a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), em novembro de 1930, além da formação de uma peça fundamental para este sistema de regulação social, como é o caso das Juntas de Conciliação e Julgamento, ou seja, entrava em cena um novo modo de controle sobre o movimento operário nacional.

A partir do decreto lei nº 19.700, instituído em 19 de março de 1931, o governo previa a oficialização sindical, regulamentada pelo Estado e, partindo desta premissa, o trabalhador brasileiro para ser contemplado ou poder usufruir de algum benefício advindo da legislação social deveria, obrigatoriamente, estar vinculado a algum órgão oficializado pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Com base nestas considerações, este período é reconhecido como a década responsável pela busca da harmonia social, no momento em que a conscientização do operariado como sujeito pertencente a uma determinada classe social já estava em processo de

---

<sup>1</sup> Sobre este ponto Eli Diniz esclarece que “não se trata de afirmar que a construção do capitalismo industrial no Brasil se deu nos anos 30. Como é sabido, a consolidação da ordem industrial ocorrerá algumas décadas depois, sobretudo, com a expansão impulsionada pelas políticas do governo Kubitschek. Porém, os pressupostos, as bases, os fundamentos necessários para o desenvolvimento dessa nova ordem econômico-social foram lançados durante o primeiro governo Vargas” (DINIZ, 1999, p. 24).



amadurecimento, tendo em vista o fato da sua trajetória de luta e militância ocorrer desde o final os últimos decênios do século XIX.

Desse modo, demonstrar a construção da identidade do operariado implica sua demarcação, enquanto classe social, diferenciando-os do empresariado capitalista, bem como daquelas figuras construídas pelo discurso dominante, ou seja, dos indivíduos que oferecem risco à sociedade, haja vista a “preguiça” e a “indisciplina” por eles representadas. Não obstante, a partir das fontes analisadas, percebemos que a Sociedade União Operária do Rio Grande (SUO)<sup>2</sup>, entidade esta que se manteve atuante no cenário rio-grandino entre os anos de 1893 e 1964, não deixa de defender a presença da moral e da boa conduta entre os seus pares, sendo estas conquistadas mediante um instrumento privilegiado, como a educação, demonstrando a convicção de que o operário fazia parte da sociedade produtiva e que, dessa forma, deveria lutar por seus direitos.

Além das atividades pedagógicas realizadas pela entidade e das ideias que circulavam por meio de pessoas, devido à política imigratória que se fazia presente no Brasil e que acabou refletindo-se no Município do Rio Grande (localizado no sul do Rio Grande do Sul), os textos publicados na imprensa operária contribuíram para a construção identitária do proletariado no local. De qualquer forma, o contexto operário rio-grandino foi beneficiado, pois conforme fora mencionado anteriormente, a cidade recebeu, a partir de meados do século XIX, um grande contingente de trabalhadores advindos da Europa e que por sua experiência jornalística e literária, contribuíram de maneira incontestável para a formação da imprensa operária local.

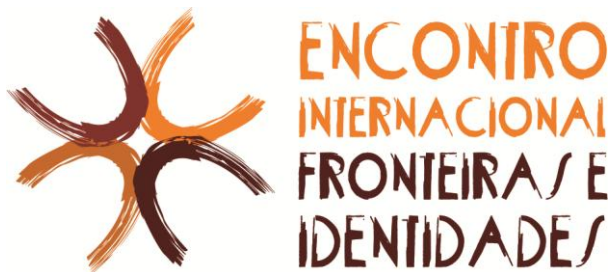
## **O JORNAL A EVOLUÇÃO E A SUA FUNÇÃO REPRESENTATIVA**

A fundação de jornais por trabalhadores e militantes operários foi uma das maneiras mais eficazes para a difusão do pensamento, da reflexão sobre a realidade e da união dos operários organizados, pois não tinha a intenção somente de informar, mas de conscientizar a classe e promover a adesão e solidariedade entre os companheiros.

Nesta direção, os primeiros jornais com este perfil no Rio Grande do Sul foram organizados por volta de 1870, em Porto Alegre, os quais tiveram por origem as associações

---

<sup>2</sup> A Sociedade União Operária do Rio Grande (SUO) localizava-se em via central da cidade, tendo por marco de gestação o dia 24 de dezembro de 1893, no Município do Rio Grande (sul do Estado do Rio Grande do Sul); entretanto, a sua legítima fundação ocorreu na data simbólica de 1 de maio de 1894.



mutualistas, conforme discurramos anteriormente, e por participação dos trabalhadores ligados ao comércio. Assim, torna-se válido apresentarmos um retrospecto acerca das primeiras folhas operárias surgidas no Estado: *O Caixeiro* (de 1873) e *O Social* (de 1874) na capital, já no interior tivemos *A Tribuna Socialista*, que data de 1878 e que teve por espaço de circulação a cidade de Pelotas.

Os periódicos continuaram surgindo e proliferando no cenário urbano com a instituição da República, no ano de 1889, destacamos algumas folhas como *A Gazetinha* de Porto Alegre, em 1891, a *Democracia Social* de Pelotas, em 1893, o *Echo Operário* de Rio Grande (em 1896), *A Democracia*, de 1905 e *A Luta*, de 1906, os dois de Porto Alegre.

Com o passar do tempo, o jornalismo operário foi ganhando contornos diferentes, modificando os seus objetivos conforme a corrente política predominante da época. Além disso, a imprensa era um local de debates, onde os militantes realizavam mudanças no movimento e, é nesta perspectiva – de que a luta política estava presente neste contexto – que o jornal *A Evolução* se insere, pois é lançado em um momento específico da SUO, onde havia a luta pelo seu fortalecimento enquanto entidade representativa, ao mesmo tempo em que explicitava a construção da identidade operária entre os trabalhadores associados.

O jornal, fundado no ano de 1934, salienta o fato de sua direção ser composta, também, pela Frente Sindicalista da cidade do Rio Grande. Entretanto, a partir da análise do periódico, observamos que a entidade estava em crise, fenômeno que pode ser constatado a partir dos insistentes chamamentos para suas reuniões, porque os sócios não se faziam presentes. Contudo, o jornal não menciona nas demais edições a sua vinculação com a Frente Sindicalista, mas sim, indica ser um folhetim, que representava a Sociedade União Operária do Rio Grande. Com base nestas informações, relatamos que a gazeta possuía como órgão gestor esta última associação sindical.

Desse modo, a Sociedade União Operária (SUO) considerava-se a representatividade máxima entre o operariado rio-grandino, sendo a coordenadora do movimento na cidade, afirmação esta defendida pelo jornal em suas publicações, legitimando assim, a principal função deste periódico, que encontrava bases na necessidade de revitalizar a entidade e exaltar a identidade operária entre os trabalhadores da cidade do Rio Grande.



Estas afirmações são expressas na primeira tiragem da folha, momento em que o jornal expressa o objetivo da entidade ao afirmar: “Auxiliar A Evolução é dever de todo o operário consciente” (*A Evolução*, 01/05/1934, p. 01); estas palavras vão ao encontro da locução exposta na página posterior do mesmo dia, intitulada “Apelo”, no momento em que o jornal relatava:

Não tendo, como é natural, o nosso modesto semanário o apoio financeiro necessário à manutenção de um órgão de caráter genuinamente proletário apela para os nossos companheiros no sentido de aceitarem uma assinatura desta folha, ou cooperar com qualquer importância, para cujo fim se acha o nosso tesoureiro, companheiro José Pinho, o respectivo livro de assinaturas dos cooperadores.

Igual atitude deverão ter para com todos os demais companheiros que por este ou aquele motivo deixarem de receber ‘A Evolução’.

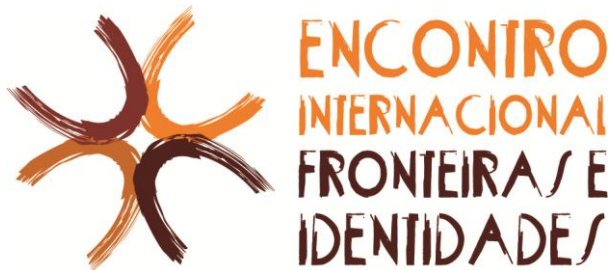
A propaganda no nosso periódico se impõe como um dever a cumprir, pois que ele é de todos os trabalhadores em geral (*A Evolução*, 01/05/1934, p.02).

A ideia de que o jornal pertenceria a todos os trabalhadores remete ao estabelecimento de uma identidade social e, neste jogo de diferenças e semelhanças, que poderia ser acentuado por meio da valorização da imprensa, o jornal tinha por intuito conclamar a solidariedade entre a classe. Evidentemente, os discursos não estavam isentos de visões deterministas dos fatos, ou seja, apresentavam certo posicionamento ideológico; entretanto, constatamos que o folhetim não demonstra ter adquirido preferências políticas acirradas, certificando a sua real ligação com o heterogêneo perfil ideológico adotado pela União Operária desde a sua gênese, e é este episódio defendido pelo *A Evolução* durante os seus 4 (quatro) anos de circulação. Sobre o papel desempenhado por uma folha operária, Bilhão salienta que:

Sabendo-se que esse jornal era um dos suportes da disputa ideológica entre socialistas e anarquistas pela direção do movimento sindical, notificar a real condição de operários de seus dirigentes era um argumento poderoso, pois, caso essa dúvida se colocasse, poderia ameaçar a legitimidade desse corpo editorial diante dos operários, sendo, portanto, muito importante reafirmar, sempre que fosse o caso essa identidade (BILHÃO, 2008, p.36).

O jornal, que fora lançado pela primeira vez no dia 1º de maio de 1934, em comemoração ao quadragésimo aniversário da entidade, participou deste processo de revitalização da associação, sendo referenciado como uma folha operária, a qual destinava as suas publicações a esta classe trabalhadora em específico e que sinalizava a importância desta data, que fora instituída na Europa, em 1889, no Congresso da Segunda Internacional,





momento em que os militantes lutavam pelas 8 (oito) horas diárias de trabalho; já aqui no Brasil, a sua inserção ocorreu no ano de 1891.

Conforme indica Ana Loner, no Estado gaúcho, as comemorações se deram pela primeira vez nas cidades de Pelotas, em 1893, e em Rio Grande no ano posterior, esta última acontecida nas instalações da SUO, onde ocorreram saudações à imprensa e ao socialismo (LONER, 2001, p. 336). Assim, a SUO sempre soube utilizar esta data simbólica, a fim de favorecer a construção da identidade operária entre os trabalhadores do Rio Grande.

Por outro lado, destacamos que o periódico foi distribuído entre os rio-grandinos pela primeira vez no dia anterior de sua projeção, pois a edição de seu lançamento propagava o evento que estaria ocorrendo no dia posterior (1º de maio de 1934) da seguinte maneira:

A Sociedade União Operária, como nos anos anteriores, comemorará a grande data de hoje com o seguinte programa:

Às 7 horas hasteamento, pavilhão social. Às 20 horas Sessão Solene, aberta com o hino da Sociedade, cantado pelos alunos da Escolada mesma; dissertará sobre a data o companheiro Gervásio Dias.

Na ocasião, com a ausência do então presidente da SUO – Carlos Silva –, Gervásio Dias, então gerente do jornal, fora incumbido de proclamar o discurso de comemoração do aniversário da entidade e, mais do que isso, ser o protagonista da cerimônia de lançamento do periódico *A Evolução* na cidade, enfatizando a relação do periódico com a União Operária.

Em sua primeira edição foram destacados os princípios que norteavam o programa seguido pela folha, a qual será caracterizada por propósitos trabalhistas, sendo produzida por operários e para operários, ou seja, dirigindo-se desde a sua fundação, ao seu principal público-alvo. Em outras palavras, o objetivo da publicação era de atuar no combate ao preconceito social, pugnar pelo cumprimento das leis trabalhistas, bem como proteger o trabalhador e unir o operariado em prol, da mesma causa, ações que seriam contempladas seja por meio das semelhanças, que atribuíam o sentido de unicidade ou mesmo pela carestia e pelas precárias condições de subsistência que passavam, aspectos evidenciados em suas páginas, conforme evidenciamos, a seguir:

[...] se somos iguais no sofrer, somos a família dos exploradores, dos oprimidos, dos famintos. E afome que dia a dia afugenta, nos unirá. Nada como no tempo e no espaço.



Que adianta os grupos divididos e subdivididos? Nada. Enquanto que permanecemos fracionados, sobre nossas cabeças pesará a vitória da burguesia, a exploração sem nome do capital, e fome e miséria dos nossos lares (*A Evolução*, 24/06/1934, p. 3).

Dessa forma, se o jornal tinha por intuito a consolidação e a união da classe que o organizava e, ainda, a comemoração do primeiro de maio da União Operária, ele acabava por estabelecer uma relação entre o periódico e a associação, assumindo e demonstrando a intenção de fomentar a identidade operária entre o grupo, a qual deveria estar em sintonia com a proliferação dos ideais proletários. O jornal, por meio da sua propaganda, lutava ao lado do trabalhador. Observemos a seguinte passagem noticiada no *A Evolução*:

TRABALHADOR!

Queres o progresso do teu jornal?

Desejas engrandecer a tua classe com a publicação de uma folha genuinamente proletária?

Poderá ter vida longa um jornal sem recursos materiais sem depender da boa vontade da classe trabalhadora?

É claro que não.

Ajudarás muito a nossa e a tua causa apenas com isto:

Conseguindo mais uma assignatura para *A Evolução*.

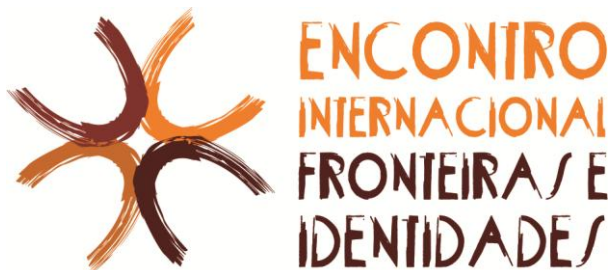
(*A Evolução*, 08/07/1934, p. 3, grifo nosso).

Após o cerimonial e, juntamente, com o período em que houve a circulação da folha aqui destacada, a SUO havia assumido a posição de detentora da representatividade operária na cidade. Contudo, tais atitudes deveriam ser expostas por militantes que conduzissem com boa qualidade os ideais propagados pela entidade, para isto, o Estatuto determinava aos seus associados o mérito de superioridade intelectual, pois estaria incumbida de orientar e realizar a ascensão cultural dos trabalhadores, tendo em vista a necessária elevação intelectual dos militantes que participavam da produção do jornal. Com isso, manter a circulação de um periódico estava relacionado à sistematização e autenticidade do movimento operário, que deveria estar bem organizado a ponto de combater as mazelas formuladas pelo capitalismo, aspecto ilustrado no seguinte texto publicado pelo jornal no primeiro semestre de 1934:

Quem destróe a família é o Capitalismo, que rouba a mãe ao filho e escravisa-o numa, fabrica.

Emquanto discutir e vacilar na formação de vossa frente – unica, a burguesia une-se e provóca a vossa desunião.

Não vós presteis a essa divisão que nos mantém escravos (*A Evolução*, 06/01/1934, p. 4, grifo nosso).



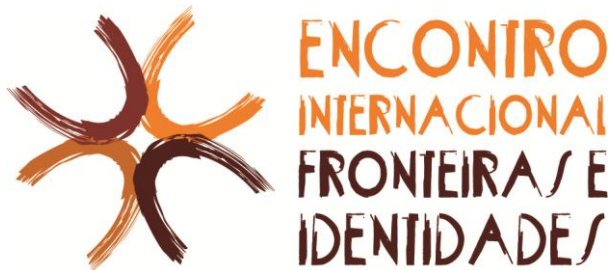
Partindo do pressuposto de que a função dos intelectuais foi considerada de suma importância durante a década de 1930, uma vez que, segundo algumas concepções, existiam sujeitos superiores em comparação uns aos outros, relatamos que o jornal utilizou-se desta valorização perante as construções discursivas que tiveram a prerrogativa de difundir a intelectualidade. Com essa perspectiva, a partir de 1934, estes protagonistas sociais começaram a ter um espaço de divulgação dos assuntos relacionados ao mundo do trabalho, sendo que em um primeiro momento, somente os seus sindicatos, ou mesmo a própria entidade, é que abarcavam tais manifestações de cunho reivindicatório.

Diante da complexidade e inúmeras tendências políticas que podiam estar no interior da redação de cada jornal, torna-se difícil especificar, claramente, a opção seguida pelo periódico *A Evolução*, já que o posicionamento dos adeptos da SUO estavam relacionados à diversidade, aspecto que, conforme destacamos neste texto, ocasionou conflitos entre os militantes, mas que, com o tempo, a valorização deste quesito perdeu o seu lugar no campo das discussões, assumindo, assim, o perfil de heterogeneidade política.

De acordo com a perspectiva de que o jornal agia como um eficiente potencializador da corrente mais substancial, relacionada ao PCB (LONER, 1999, p. 482), enfatizamos que ele estava em conformidade com os pensamentos adotados por uma parte da Diretoria da entidade, a qual representava, e estava em consonância com as concepções caracterizadas pelo gerente do periódico – Gervásio Dias – militante que esteve no cargo durante todo o período de circulação do jornal (1934-1937), ou seja, durante o seu mandato, a folha pode ser admitida como seguidora da corrente comunista. Todavia, apesar desta constatação, o jornal admite no decorrer de suas páginas a adoção pelo seguinte emblema “Órgão dos interesses das classes trabalhadoras”, atribuindo a noção de que havia, no contexto rio-grandino, por se tratar de um folhetim local, a formação de uma classe determinada, a qual se reconhecia como pertencente a um grupo.

Partindo da hipótese de que a identidade operária é construída, também, a partir de relações com as distinções, oposições, com outras identidades e com formas distintas de concepções ideológicas, é que centramos esta discussão, pois interagem por meio da convivência e/ou conflito com diferentes identidades, contribuindo para a formação do processo dialético de transformação e re-elaboração da estrutura social. Para tanto, evidenciamos que é necessária a presença do sentimento de “auto-estima no trabalho”





(THOMPSON, 2001, pp. 158-160), expressando o orgulho em realizar determinada função e de fazer parte deste grupo de trabalhadores que passam a ocupar um lugar no espaço tangenciado pelo mundo do trabalho. E nesta busca pela implementação de certo distanciamento com as estruturas rivais, há uma seleção dos aliados que possam contribuir para adquirir tais objetivos. Conforme pode ser observado na seguinte matéria noticiada pelo jornal:

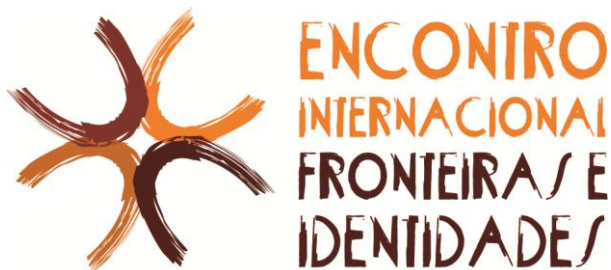
Compreendida as origens e as finalidades dos partidos políticos burguezes, é óbvio que, nelles, o proletariado não deve colaborar.  
Uma attitude porém é aconselhável:  
Os trabalhadores unidos, numa frente-unica de explorados contra os exploradores, devem reunir-se em partido político e disputar, ás facções burguezas, a direção do Estado.  
(*A Evolução*, 16/07/1934, p. 2).

Com base nestas afirmativas, constatamos que a SUO caracterizava-se como uma entidade comprometida com a formação da identidade proletária entre o operariado da cidade do Rio Grande, aspectos visivelmente dispostos nas páginas do jornal *A Evolução*, que no período de sua circulação, contribuíram para a delimitação de uma análise acerca da construção identitária dos operários rio-grandinos, uma vez que estas ideias passavam por meio das relações de reconhecimento, assim como também, pela reivindicação da memória da coletividade, herdada e reforçada através dos textos publicados em suas páginas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As transformações econômicas e sociais que ocorreram no final do século XIX e período inicial do século XX foram responsáveis por caracterizar a estrutura social e econômica da cidade do Rio Grande, aspectos que podem ser observados cotidianamente no interior do município.

Contudo, observamos por meio deste trabalho, que o processo de crescimento ocorreu em pontos distintos do país, mas sem deixar de salientar o papel de destaque atribuído à cidade, principalmente, no que concerne às mudanças em seu espaço físico, além das relações sociais que permeiam tal sociedade, destacando a Sociedade União Operária (SUO) como um reflexo dessa configuração, instituição que objetivava sistematizar a construção da identidade



operária entre os trabalhadores da cidade, funcionando como um suporte ao operariado, em um período em que o trabalho era sinônimo de legitimação social.

Dessa forma, após o contato com as fontes, destacamos que para analisarmos os veículos utilizados pela SUOna construção da identidade operária, torna-se necessário contextualizar o período em que houve a formação da SUO, e o momento em que o proletariado a reconheceu como entidade máxima de representativa no município do Rio Grande. Seguindo este enfoque, analisamos o jornal *A Evolução* e a sua atuação no cenário rio-grandino, durante o ano de 1934, além de termos historicizado a fundação de sua entidade, a qual é considerada uma das instituições de maior relevância do Estado, posição adotada nos anos iniciais, mas que com o decorrer do tempo e as motivações externas acabara por perder o seu espaço.

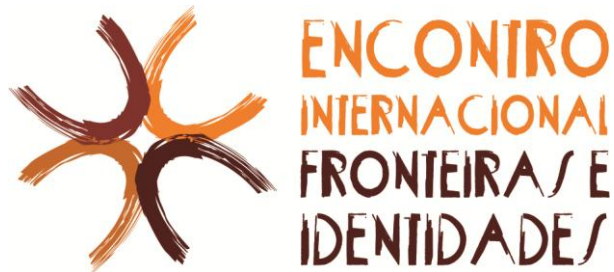
Porém, a década de 1930 desenrolava-se, conjuntamente, com a formulação da legislação trabalhista, momento em que a entidade implantou medidas para a sua revitalização e que começa a se adaptar a estes acontecimentos, e é perante este contexto que a folha operária *A Evolução* entrou em cena.

Enfatizamos, ainda, o perfil político-ideológico da União Operária e concluímos que a instituição possuía um caráter diversificado e sem consistência, aspecto acompanhado pelo periódico no momento em que foi alicerçado, pois muito embora o fato de que existiam, entre os seus elaboradores, sujeitos adeptos da corrente comunista, o jornal não se assumia como tal, visto as perseguições que se afirmavam por parte do governo. Enfim, no presente texto destacamos a funcionalidade atribuída à SUO, enquanto entidade comprometida com a estabilização da consciência operária entre os trabalhadores rio-grandinos, tendo por base os folhetins publicados no ano de 1934 e o seu Estatuto, que data de 1938.

### **Referências Bibliográficas**

BILHÃO, Isabel Aparecida. *Identidade e Trabalho: Uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)*. Porto Alegre: Eduel, 2008.

DINIZ, Eli. Engenharia institucional e políticas públicas: dos conselhos técnicos às câmaras setoriais. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1999.



LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888- 1930)*. Pelotas: UFPel, 2001.

MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *"Que a união operária seja nossa pátria": história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora Brasiliense, 2001.

### **Fontes**

Estatuto da Sociedade União Operária do Rio Grande (ano de 1938).

Jornal *A Evolução*, Rio Grande, anos de 1934; 1935; 1936; 1937 e 1938.

Localização das Fontes: Centro de Documentação Histórica "Prof. Hugo Alberto Pereira Neves" (CDH-FURG).